

VISÃO DO CORREIO

Reforma Tributária e desigualdades sociais

A Reforma Tributária aprovada na Câmara dos Deputados pode trazer mudanças significativas no funcionamento da economia brasileira, caso também passe no Senado Federal. A principal alteração se concentra na criação do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), um texto único para substituir os complexos tributos estadual (ICMS) e municipal (ISS). A reforma cumpre com seu papel de desburocratização da relação de consumo e aumenta a transparência — facilitando o entendimento da população sobre aquilo que ela paga ao comprar um determinado produto. Porém, deixa de atacar um ponto fundamental da discussão acerca da tributação no país: a diminuição da desigualdade social.

Na semana passada, deputados federais tiveram uma nova oportunidade para mudar um pouco da realidade atual, na qual o grupo dos 1% mais ricos tem um rendimento médio 39 vezes maior do que a média daqueles incluídos nos 40% mais pobres do país: R\$ 20,6 mil contra R\$ 527, de acordo com o IBGE. Não o fizeram. Pela proposta de emenda do deputado federal Ivan Valente (PSol-SP), fortunas entre R\$ 10 milhões e R\$ 40 milhões seriam taxadas em 0,5%. O percentual dobraria para 1% para patrimônios entre R\$ 40 milhões e R\$ 80 milhões. Quem ultrapassa a barreira dos R\$ 80 milhões teria que pagar 1,5% de alíquota.

O texto precisava de 257 votos para passar, mas recebeu apenas 136 — a maior parte dos favoráveis foram parlamentares de esquerda e centro-esquerda. Além de aumentar a arrecadação do país, sobretudo em um momento de pressão por corte de gastos, a medida serviria para passar um recado à sociedade. A mensagem de que desigualdades tão volumosas não devem ter mais espaço no mundo contemporâneo.

A negação da emenda era esperada. Ainda assim, merece questionamentos. A

própria Constituição Federal, em seu artigo 153, prevê que "compete à União instituir impostos sobre grandes fortunas, nos termos de lei complementar". Essa legislação, no entanto, nunca saiu do papel e ajuda a manter 63% da riqueza do país nas mãos de 1% da população, segundo relatório elaborado pela Oxfam Brasil.

Um contraponto é importante. Especialistas, como o ex-consultor do FMI Isaías Coelho, avaliam que a taxação das grandes fortunas não é a medida mais aconselhável para aumentar a arrecadação do país e equilibrar o caixa. Há um temor do mercado financeiro de que a medida, caso colocada em vigor, aumentasse as chances de investidores retirarem capital do país, o que pressionaria a economia interna e limitaria a efetividade do imposto.

Em uma segunda análise, vale discutir outra medida ignorada pela Reforma Tributária: a revisão da tabela do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF). Hoje, no Brasil, qualquer pessoa com vencimentos acima de R\$ 4.664,68 paga uma alíquota de 27,5%, independentemente de ganhar R\$ 5 mil por mês ou R\$ 300 mil, usando uma comparação básica. Na prática, não há diferença no imposto pago entre um trabalhador de classe média ou alguém que fature milhões por ano.

Quando estava em campanha em 2022, Lula prometeu isentar do IRPF todos os trabalhadores que ganham até R\$ 5 mil — a medida hoje alcança quem recebe até R\$ 2.259,20. É bem verdade que essa política pública não depende unicamente do governo federal, já que requer árdua articulação com o Congresso. No entanto, medidas como a adotada pelo Planalto na votação da taxação das grandes fortunas — na qual o governo liberou os partidos de sua base para definir as posições de suas bancadas — não ajudam a diminuir a reconhecida desigualdade social e soam incoerentes.

ELEIÇÕES



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Censura e democracia

Na semana passada, o ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), mandou retirar de circulação livros com teor homofóbico e sexista. Não importa o quão repulsivos sejam esses trechos ofensivos, trata-se de mais uma censura vinda da Suprema Corte, a "censura do bem". O curioso é que, não faz muito tempo, Flávio Dino havia dito que chamar alguém de "nazista" e "fascista" faz parte do debate. Pelo jeito, não se trata do que se diz, mas a quem se diz. Os que defendem que esse tipo de decisão não é censória porque não proíbe livros, apenas manda retirar trechos, ignora que o próprio STF já reconheceu, em uma ação contra veículo de comunicação, que decotar publicação é igualmente censura, o que chama de "chilling effect", ou seja, "efeito inibidor". A verdade é que, pelo medo da liberdade de expressão ser abusada, inibimos seu uso. Como ouvi outro dia, "não faz sentido acreditar em valores que não podem ser tirados do embrulho sem que sejam postos à prova".

» **Ricardo Santoro**
Lago Sul

Eleições

Quando eu era criança, ouvi um adulto perguntar para o outro "o motivo de o sistema de pesos e medidas americano ser tão complicado", e receber como resposta: "É para enganar os outros!". Pois essa explicação parece que veio a calhar, quando se trata das eleições que estão ocorrendo por lá, nas quais os 538 delegados, simplesmente, nomeiam o presidente, mesmo que o candidato não tenha sido o mais "votado", pela população.

» **Lauro A. C. Pinheiro**
Asa Sul

Língua portuguesa

Bom mesmo, na cultura, é continuarmos nessas boas integrações, deixando de lado aquelas tais competições! Cada um de nós que amamos nossa língua portuguesa ou outra neolatina, como também gosto da língua espanhola, devemos continuar fazendo nossas partes à preservação da arte e cultura. De um lado, os governos e entidades oficiais — nos três Poderes da República — e, do outro, a iniciativa privada no mundo do empreendedorismo. Todo dia continua sendo um bom dia às boas leituras, o caminhar pelo bem intencionado no escrever, em desenvolver bons projetos e

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Aginaldo Rayol era dono de uma garganta de ouro! Cantava uma Ave Maria como ninguém. Fez um diferencial na música brasileira. Magnífica interpretação! Um exemplo de talento e elegância.

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

Bruno Henrique saiu do grupo da família.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Vacina em gotinhas da poliomielite é substituída por dose injetável. Sai Zé Gotinha, entra Zé Agulhinha.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Brasil, um país de contradições. Ministros do Tribunal de Contas da União têm renda salarial superior a R\$ 100 mil, quando o teto oficial não chega à metade.

Wilson Cosme — Asa Sul

Saudade eterna. Três anos sem a rainha Marília Mendonça. Lembrança triste.

Zuamy Ribeiro — Brasília

Agora, "Rei da chuva" só teve um: "Ayrton Senna do Brasil!".

» **Marcos Fabrício Lopes da Silva**
Asa Norte

Dívida venezuelana

A dívida venezuelana com o Brasil de US\$ 2,5 bilhões (sendo US\$ 1,5 bilhão via BNDES — empréstimos de pai para filho, e US\$ 1 bilhão de produtos vendidos pelo Brasil), mesmo quando perdurava a amizade entre Nicolás Maduro e Luiz Inácio Lula da Silva, era impagável e, agora, que acabou a cordialidade entre eles, será, de fato, impagável até apelando para a Corte Internacional. Lula, se for esperto, poderá amenizar o prejuízo, simulando reatar a amizade, convidar Nicolás Maduro para um churrasco na Granja do Torto e, para receber a recompensa de US\$ 10 milhões dos Estados Unidos, enviá-lo via Sedex ou pela Polícia Federal para os States.

» **Humberto Schwartz Soares**
Vila Velha (ES)



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

EUA, jornalismo e democracia

Existe uma chance (pequena) de que, enquanto você lê este texto na manhã desta quarta-feira, o mundo já saiba quem é o próximo presidente dos Estados Unidos da América. Enquanto estas linhas são preenchidas na noite anterior, contudo, não existia a menor chance de ter esse conhecimento. Diversas pesquisas de intenção de voto feitas no país mostravam um cenário apertado entre o candidato republicano, Donald Trump, e a candidata democrata, Kamala Harris.

Independentemente de quem ganhe — ou tenha ganhado —, uma coisa é certa: o próximo presidente terá muito poder. Óbvio que não será tanto quanto um presidente norte-americano outrora teve, mas, ainda assim, é uma quantidade de força significativa.

Mas a pergunta que fica é: todos têm noção disso? Depois de tanto tempo vivendo dentro de uma redação, passei a me preocupar sobre o que era de fato importante para as pessoas e o que era importante para mim (ou para outros jornalistas). Será que os assuntos pelo qual me debruço são vistos com tanta importância assim na bolha fora do jornal? Será que andam se importando tanto com uma eleição em lugar tão distante?

Espero que sim. Chama-me a atenção como, nas últimas semanas, uma onda — apelidada de trend — tenta botar em xeque o quanto os jornais deveriam se preocupar com o embate entre Trump e Kamala. Questionar o quanto uma cobertura deveria "ignorar" notícias nacionais para se preocupar com a

corrida presidencial norte-americana virou rotina nas redes sociais. A sensação é de que as pessoas pedem um afastamento do caos eleitoral "lá em cima". Algo até justificável, mas sem aplicação.

Não é de hoje que os jornais são colocados contra a parede de acordo com a cobertura que praticam. Tentam criar um manto de silêncio ou ditar "o que realmente importa". Quem trabalha no meio conhece o modus operandi de tais críticas. É algo histórico.

Vale lembrar, contudo, que a vitória de Kamala ou Trump pode ditar um novo ritmo na política mundial. E diferentemente de ações, o ritmo e a intensidade da política é o que realmente importa.

Na prática, a influência do vencedor na sua vida (sim, você que está af lendo) são incontáveis. Meio ambiente, relações internacionais (em especial com a China e Rússia, o que a afeta a forma como todo o mundo vai interagir) até o comércio e o fluxo de dinheiro no planeta (já parou para pensar que diversos produtos que você consome serão afetados?). Muito ainda depende da democracia norte-americana.

Em cenários extremos, esse ganhador pode mudar até como postamos nas redes sociais — pedindo para os jornais que não falem sobre tal ganhador.

Enquanto esse texto é escrito, Kamala ou Trump ainda não estão na presidência norte-americana. Prevê qual dos dois embarcará no cargo seria irresponsável. Mas uma coisa é certa: o vitorioso pode mudar o mundo, queira a militância do Twitter/X queira, ou não.

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO **R\$ 4,00** **R\$ 6,00**

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 WhatsApp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 WhatsApp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 WhatsApp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 WhatsApp

ASSINATURAS*
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 WhatsApp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br